

CATÁLOGO ANALÍTICO DOS MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE: CAMINHOS DA CRIAÇÃO NOS DOSSIÊS COM EXEMPLARES DE TRABALHO

Mestranda Aline Nogueira Marques¹

Resumo:

Esta pesquisa que visa ao mestrado na área de Literatura Brasileira, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, dedica-se a uma parcela da série Manuscritos Mário de Andrade no arquivo do escritor no Instituto de Estudos Brasileiros e prende-se ao Projeto Temático Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras, coordenado pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez, vinculado ao IEB e à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP e tem os Profs. Drs. Marcos Antonio de Moraes (FFLCH-USP) e Flávia Toni (IEB-USP) como colaboradores. Tem por objeto a preparação do Catálogo analítico dos “exemplares de trabalho” (manuscritos que conjugam, no processo criativa, rasuras autógrafas ao texto impresso, constituindo uma nova versão. O catálogo inclui a análise dos caminhos do processo de criação do escritor.

Palavras-chave: Mário de Andrade, Processo de criação, Crítica genética, Catálogo analítico, “Exemplares de trabalho”.

Introdução

A série Manuscritos, no arquivo de Mário de Andrade (1893-1945), no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, reúne documentos do processo criativo de títulos pertencentes às diversas áreas sobre as quais o polígrafo se inclinou. Os títulos consignam elementos das muitas facetas da vida deste notável intelectual: professor de música, crítico literário, ensaísta, poeta, viajante e estudioso do folclore e da cultura brasileira, entre outras. Organizados por título, os manuscritos perfazem dossiês e revelam documentos do processo criativo de cada obra, pois congregam notas, planos, esboços ou versões da lavra de Mário. Ocupam diferentes suportes, de folhas de bloco de bolso. Autógrafos e datiloscritos em sua maioria, os manuscritos mostram-se também como “exemplares de trabalho”.

Um catálogo analítico para os “exemplares de trabalho”: poesia, ficção, a crônica e o ensaio

A proposta de um catálogo analítico dos manuscritos dos textos literários corresponde à necessidade de compartilhar mais amplamente a produção do poeta, ficcionista, cronista e crítico/ teórico da literatura, de difundir a organização dos títulos operada no Projeto Temático e de apresentar, assim, a metodologia que a norteou. Além disso, um *catalogue raisonné* representa a oportunidade de desvelar, por meio da análise apoiada na crítica genética, mecanismos do processo criativo, invisíveis mesmo após uma acurada análise documentária. Considerando que, na produção do polígrafo, a área literária é aquela de maior realce, o Projeto optou por preparar este catálogo analítico que englobará todos os títulos literários, portanto, nos manuscritos que se mostram sob a forma de autógrafos, datiloscritos e “exemplares de trabalho”.

A particularidade deste catálogo, em face de outros catálogos analíticos está na reconstrução do trajeto da criação das obras, instrumentado pela crítica genética e pela história literária. Revela-se um instrumento de trabalho fundamental para a crítica literária, na medida em que poderá colaborar, por meio dos chamados arquivos da criação, na análise e na interpretação de textos andradianos publicados.

No catálogo analítico, a parte que me cabe é aquela que abrange os “exemplares de trabalho”, 8 em um total de 30 títulos literários. A classificação “exemplar de trabalho”, cunhada por Mário de Andrade, capta a justaposição de notas autógrafas ao texto impresso de sua autoria, notas que, ao rasurar a versão impressa ou editada, instauram uma nova versão e dão origem, portanto, a um manuscrito. Como Mário de Andrade tinha por hábito destruir os rascunhos e/ou versões de seus textos tão logo publicados, os “exemplares de trabalho”, correspondem, em alguns casos, ao único manuscrito do título ao qual pertence.

Nesta pesquisa, apresenta-se a análise documentária – que inclui a codicológica –, a análise do trajeto da criação e notas que analisam os caminhos da criação, contando, sobretudo, com os depoimentos do escritor em sua correspondência. O catálogo será exemplificado com a classificação do manuscrito/ exemplar de trabalho de *A escrava que não Isaura*.

A escrava que não é Isaura: exemplar de trabalho e manuscrito de uma poética modernista no Catálogo analítico dos Manuscritos Mário de Andrade

MA-MMA-2-1-87

ANDRADE, Mário de (1893-1945)

A escrava que não é Isaura (Discurso sobre algumas tendências da poesia modernista)

São Paulo: [1925? 1926? 1943?]

SÉRIE: MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE

ARQUIVO MÁRIO DE ANDRADE – IEB/USP

O manuscrito compõe-se de versão em exemplar de trabalho na 1ª edição de *A escrava que não é Isaura* (São Paulo: Lealdade, 1925) e de documentos a ele apensos: recorte com artigo de Pierre Gueguen, “Actualités poétiques”, e nota autógrafa. Liga-se, na biblioteca do escritor, à obra *An Introduction to Social Psychology*, de William McDougall (1871-1938), volume no qual MA inseriu programa cinematográfico impresso e santinho. No exemplar de trabalho há anotações de terceiro (Nota T¹). Fólios numerados pela pesquisa: 1-87.

1. *A escrava que não é Isaura*. Exemplar de trabalho na edição *princeps*. [São Paulo 1925?/1926?]

ANDRADE, Mário de. *A escrava que não é Isaura*. São Paulo: Livraria Lealdade, 1925.

Sobrecapa de cartolina rosa escuro desbotado, a qual apresenta no anverso, em autógrafo, os títulos “PAULICÉA”, a lápis vermelho, e “Escrava”, a lápis azul; na lombada, “MARIO DE ANDRADE” a tinta preta, [São Paulo, 1926?]. No anverso da sobrecapa, indicação em letra de terceiro, a tinta azul de caneta esferográfica: “Pasta 18” [São Paulo, 1960]; f. 1.

Brochura *in octavo*, costurada; impressos na capa bege: “MARIO DE ANDRADE”/ em preto, “A ESCRAVA/ QUE NÃO É/ ISAURA”/ em vermelho, e “S. PAULO/ 1925”, em preto; vinco na diagonal; título e autor repetidos no dorso, em vermelho, no sentido esquerda> direita; miolo com 160 páginas numeradas de 12 a 153; papel branco envelhecido, 19 x 14 cm; bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; sinais de fungo; f. 2-82.

Na página de rosto, impresso em preto, no alto, no centro e na parte inferior se lê: “MARIO DE ANDRADE/ A ESCRAVA/ QUE NÃO É/ ISAURA/ (*Discurso sobre algumas tendências da poesia modernista*/ DEPOSITARIOS EM SÃO PAULO/ LIVRARIA LEALDADE/ Rua da Boa Vista, 62”.

Página de rosto seguida de 3 folhas não numeradas; na primeira, no anverso: “DO AUTOR: /*Há uma Gota de Sangue em cada Poema*/ 1917/ *Paulicea Desvairada*/ 1922/ A PUBLICAR:/ *O Losango Cáqui (versos)*/ *Primeiro Andar (contos)*/ *Fräulein (romance)*”; na segunda, dedicatória: “A/ Osvaldo de Andrade”, e na terceira as epígrafes: “*Vida que não seja consagrada a procurar*

não vale a pena/ de ser vivida. PLATÃO/ “Be thou the tenth Muse, ten times more in worth/ Than those old nine which rhymers invoke!! SHAKESPEARE.

No final do livro acham-se 2 folhas não numeradas com informações impressas no anverso e uma em branco; na primeira se lê: “INDICADOR/ DAS PARTES PRINCIPAIS/ – da –/ “ESCRAVA QUE NÃO É ISAURA”, e na segunda: “ESTA EDIÇÃO DE MIL/ EXEMPLARES DA/ “ESCRAVA QUE NÃO É/ ISAURA” SE TERMI-/NOU AOS 24 DE/ JANEIRO DE 1925 NAS/ OFICINAS DA TIPOGRA-/FIA PAULISTA EM/ SÃO PAULO”; f. 2-83.

O exemplar abriga:

P. de rosto (f. 3): etiqueta de identificação da biblioteca MA, preenchida por ele a tinta preta:

MARIO DE ANDRADE	
F	I
e	55

Notas MA a grafite: no alto: “Emprestado”; na parte inferior: “Críticas: Revista do Brasil Fevereiro 1925./ Gazeta Commercial, Juiz de Fora, dias 10 e 11 de Março 1925/ (Carlos Drummond)/ A Revista, Bello Horizonte, Ano 1, N.1, 1925 – Emilio Moura/ Estética, nº 3, Prudentinho”.

Nota MA a tinta preta: no alto: “Mario de Andrade/ Exemplar de/ Trabalho”.

P. 18-153 (f. 11-79):

Refusão MA do texto, por meio de rasuras a grafite e a tinta preta: correções a erros tipográficos, acréscimos, supressões.

1.1. Rasuras MA a grafite:

P. 21(f. 13):

Trecho sobre a poesia em textos considerados prosa.

Rasura MA: cruzeta ao final do trecho.

P. 22-23 (f. 13-14):

Trecho: “Mas a beleza é questão de moda na maioria das vezes. As leis do Belo eterno artístico ainda não se descobriram. E a meu ver a beleza não deve ser um fim. A BELEZA É UMA CONSEQUÊNCIA.”

Rasura MA: acréscimo expoente “(1)” e da nota de rodapé:

“E é ainda uma consequencia mesmo si a consi-/deramos como elemento fundamental da criação do/ conceito de arte. Não só porquê a Necessidade de/ Prazer é já uma consequencia da vida, da Necessida-/ de de Ação, como porquê é da Necessidade de Comunica-/ ção que provém a Necessidade de Agradar, que leva a/ gente a se servir dos elementos que embelezam, que encantam//, do Belo enfim, pra que a criação, aparentemente/ inutil da gente, o objeto artistico, venha sempre a/ ter uma utilidade, uma razão-de-ser.”.

P. 29 (f. 17):

Trecho: verso 7 do poema “Rêverie” de Sérgio Milliet, grafado com erro tipográfico: “Mais sidoux”

Rasura MA: traço vertical corrigindo o erro: “si| doux”.

P. 58 (f. 31):

Trecho: verso 30 da canção de Vildrac grafado com erro tipográfico: “ A des grands anneaux tous les prisonniers”

Rasura MA: traço corrigindo o erro: “A des grands anneaux tous les prisonniers”

P. 67 (f. 36):

Trecho: “Um dos maiores perigos da poesia modernista é a analogia e sua irmã postiça a paráfrase.”

Rasura MA: correção a um erro tipográfico, sem notar outro engano na palavra: “parafrase” por “parífrase”.

P. 131 (f. 68):

Trecho referente ao princípio da associação, descrito em 3 tópicos.

Rasura MA: acréscimo: “4º A rima é também uma associação/ de imagens. E da pior especie pois provocada e/ consciente, estimulante de inspiração falsa com/ o café, a morfina, o opio, etc.”.

P. 137 (f. 71):

Trecho: verso 12 do poema de Nuno Fernandez Torneol grafado com erro tipográfico: “e pousarei so lo avelenal.”

Rasura MA: correção ao erro: “avelenal” por “avelanal”.

1.2. Rasuras MA a tinta preta:

P. 18 (f. 11):

Trecho: “A esta necessidade de expressão – inconsciente, verdadeiro acto reflexo – junta-se a NECESSIDADE DE COMUNICAÇÃO de ser para ser tendente a recriar no espectador uma comoção análoga á do que a sentiu primeiro.”

Rasura MA: acréscimo do expoente “(1)” ao final do período e da nota de rodapé:

“(1) A second very important advance of psychology towards/ usefulness is due to the increasing recognition of the extent to/ which the adult human mind is the product of the moulding/ influence exerted by the social environment and of the fact that the/ strictly individual human mind, with which alone the older intros/pective and descriptive psychology concerned itself, is an abstraction/ merely and has no real existence. McDougall/ ‘An Introduction to Social Psychology’.”

Verificação: Em McDOUGALL, William. *An Introduction to Social Psychology*, 19ª ed. London: Menthuen & CO LTD, 1924, p. 16, livro na biblioteca MA, um traço a grafite destaca o trecho na margem (Nota MA).

P. 50 (f. 27):

Trecho: “O que interessa nas artes do tempo é o ritmo.”

Nota MA: acréscimo do expoente “(1)”, substituição e acréscimo desenvolvido no rodapé:

“(1) sob o ponto de vista formal na constituição das...”.

P. 50 (f. 27):

Trecho: “Ritmo é toda combinação de valores de tempo e mais acertos.”

Nota: acréscimo do expoente “(2)” e da nota de rodapé que amplia o pensamento:

“... por isso convem que a oração (na prosa) tenha ritmo, mas não o/ metro, pois se tornaria então poema.” Aristoteles Retorica Livro III, cap. VII, 3.”.

P. 51 (f. 28):

Trecho: “O entroncamento ainda é empregado. Mas não significa mais pensamento que exorbita de tantas sílabas poéticas, sinão ritmos interiores dos quais o poeta não tem que dar satisfação a ninguém; e algumas vezes fantasias expressivas, pausas respiratórias, efeitos cômicos, etc.”

Nota MA: acréscimo do expoente “(2)” e da nota de rodapé:

“(2) Dei a entender mas não defini o Verso./ Isso é rúim. Verso é o elemento da linguagem/ oral que, imita, organiza e transmite/ a dinamica do estado lirico. (Linguagem oral,/ porquê linguagem musical existe de facto. E me-/ taforicamente: linguagem coreografica, architectu-/ral, pictorico etc.) (). Depois pensei melhor: Verso é o/ elemento da linguagem que imita e organiza a dinamica/

do estado lírico. ainda melhor: Verso é o elemento da/ da linguagem que imita e organiza o movimento/ do estado lírico. Si em vez de definição ideativa que encerre/ o conceito intelectual de Verso, si quiser dar uma definição/ descritiva que não implique propriamente delimitação formal,/ pode-se dizer: Verso é o elemento da Poesia que determina as/ pausas do movimento rítmico. Ou, porquê isso não inclui bem/ o verso-livre (arrítmico pelo conceito universal de ritmo): Ver-/ so é o elemento da Poesia que determina as pausas de movimen-/ to da linguagem lírica. Ou: da expressão oral lírica. Ou ainda:/ Verso é a entidade (quantidade) rítmica (ou dina-/ mica) determinada pelas pausas dominantes da linguagem lírica.”.

Ao longo do texto impresso, há dois tipos de anotações de terceiros: (Nota T¹) a lápis de cor vermelha esmaecida.

1.3. Notas de terceiro a lápis de cor vermelha esmaecida devido ao uso de borracha (Nota T¹)

P. 7 (f. 6):

Epígrafe decalcada em Platão.

(Nota T¹): seta indicativa e cruzeta.

P. 11-12 (f. 8):

Trecho: “Por isso mesmo jamais procurei ou procurarei fazer proselitismo. É mentira dizer-se que existe em S. Paulo um igreja literário em que pontifico. O que existe é um grupo de amigos, independentes, cada qual com suas ideias próprias e ciosos de suas tendências naturais. Livre a cada um de seguir a estrada que escolher.”

(Nota T¹): seta indicativa, traço à margem e cruzeta.

P. 12 (f. 8):

Trecho: “Muitas vezes os caminhos coincidem.... Isso não quer dizer que haja discípulos pois cada um de nós é o deus de sua própria religião. (A). Vamos á história!”.

(Nota T¹): comentário “atenção”, seguido de seta e traço à margem.

P. 13 (f. 9):

Trecho: “Mas o vagabundo quis ver o monte e deu um chute de 20 anos naquela eterogénea roupa. Tudo desapareceu por encanto. E o menino descobriu a mulher nua, angustiada, ignara, falando por sons musicais, desconhecendo as novas línguas, selvagem, áspera, livre, ingenua, sincera. §A escrava do Ararat chamava-se Poesia.”.

(Nota T¹): comentário “História bonita demais e que não é bem assim”, seguido de seta e cruzeta à margem.

P. 17 (f. 11):

Trecho: “Necessidade de expressão + necessidade de comunicação + necessidade de acção + necessidade de prazer = Belas Artes.”.

(Nota T¹): cruzeta e traço à margem.

P. 39 (f. 22):

Trecho: “Ao redescobrimento da Eloquência./ Teoria e exemplo de Mallarmé, o errado ‘Prends l’éloquence et tords-lui son cou’ de Verlaine, deliciosos poetas do não-vai-nem-vem não preocupam mais a sinceridade do poeta modernista.”.

(Nota T¹): comentário “Infe-/liz-/mente/ não/ foi/ assim.”, seguido de cruzeta e 2 traços à margem.

P. 89 (f. 47):

Trecho referente ao papel de Bach e Mozart.

(Nota T¹): comentário “ABC, manifesto, pedagógico, dogmático/ e até demagógico, constitue no entanto/ – e por isso mesmo – uma justificação/ estética do modernismo, a única que/ nos foi dada. Faltava-lhe a/ perspectiva, e vemos aqui/ a mistura dos valores/ mais puros com/ os mais/ turvos, em/ pé de igualdade/. Temos/ de consi-/ derar,/ sim,/ eu tento,/ o proselitismo/ que o autor/ visava/ (a pesar/ de ../.../.em/ contrário,/ puramente/ formais),/ e que não/ podia estabelecer/ distorções. E também,/ é claro, é confusão/ da época.”

P. 117 (f. 61):

Item A/ do *Apêndice*.

(Nota T¹): seta e traço à margem.

P. 117-118 (f. 61):

“*Apêndice A*”

(Nota T¹): seta e traço à margem esquerda, incluindo o comentário: “absolutamente/ criticavel”.

P. 141 (f. 73):

Trecho inicial do “*Apêndice P*”.

(Nota T¹): cruzeta e traço à margem.

2. GUEGUEN, Pierre. *Actualités Poétiques*. [*Nouvelles Littéraires*. Paris, (1925?)]; artigo em recorte de jornal, papel amarelecido; 17,1 x 13, 6 cm; sinais de fungo; f. 84.

3. ANDRADE, Mário de. “*Obra Imatura*/ Falta escolher/ contos mais/ recentes/ E o conto dos Indios/ de Belazarte”, [1943?]; lembrete do escritor, autógrafo a lápis vermelho; 1 folha de bloco, papel branco amarelecido, 14,4 x 10,5 cm; vestígios de amassamento; f. 85.

4. Documentos anexados ao dossiê

4.1. “SANT’ANNA”/ “1ª Sessão/ às 19 e 30”/ “HOJE/ Sexta-feira 10/ de Setembro/ de 1926”/ “2ª Sessão/ às 21 e 30”/ “Estréia da grande/ temporada cinematographica/ em combinação com/ os theatros/ ODEON e GLORIA/ do/ Rio de Janeiro”. Programa de cinema encontrado no interior de McDOUGALL, William. *An Introduction to Social Psychology*, ed. cit.; papel branco amarelecido, 22 x 14,1 cm; vinco horizontal; programa incorporado ao manuscrito pela pesquisa; f. 86.

4.2. *Madonna della Salute*. Milão, 1905. Santinho impresso colorido com imagem e oração a Nossa Senhora da Saúde (11,1 x 6,5 cm), encontrado dentro do programa (4.1); f. 87.

5. Notas da pesquisa

5.1. As datas apostas, pela pesquisa, ao título do manuscrito correspondem aos prováveis momentos de reescritura do texto a partir do exemplar da edição *princeps* de *A escrava que não é Isaura*. Por se tratar de hipóteses, foram adotados os colchetes e o ponto de interrogação.

5.2. O projeto acatou a classificação MA “exemplar de trabalho” para os manuscritos que apresentam, no processo criativo, a sobreposição do autógrafo do escritor, a tinta, a grafite, bem como a lápis colorido, ao texto impresso em livro ou em recorte de periódicos.

5.3. A vasta correspondência de MA oferece inúmeras situações que dizem respeito ao processo criativo do escritor, fornecendo excertos que convalidam estudos genéticos.

5.4. Depoimentos sobre a Semana de Arte Moderna, em 1922, relatam que MA teria exposto, sob vaías e assobios, trechos de uma teoria sobre a arte moderna, possível primeira redação de *A escrava que não é Isaura*, manuscrito desaparecido. (V. BOAVENTURA, Maria Eugênia, org. 22 por 22: *A Semana de Arte Moderna Vista por seus contemporâneos*. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2008).

5.5. Em carta de outubro de 1922, MA anuncia ao amigo Manuel Bandeira: “Antes porém (até dezembro) publicarei um rápido estudo sobre a poesia modernista: *A Escrava que não era Isaura*.”. (MORAES, Marcos Antonio de, org. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo, Edusp/IEB, 2001, p. 73).

5.6. Na *Revista do Brasil*, nº 102, v. 26; São Paulo, jun. 1924, p. 113-121, Mário de Andrade assina “Da fadiga intelectual: anotações sobre a poesia moderna”. É possível encontrar trechos do texto publicado no periódico, então dirigido por Paulo Prado, dissolvidos na poética ou reproduzidos na íntegra nos apêndices F, I, J e Q d’*A escrava que não é Isaura*.

5.7. Em carta a Joaquim Inojosa, publicada por este no *Jornal do Comércio* de Recife em 28 de dezembro de 1924, MA escreve em 28 de novembro daquele ano: “Agradeço-lhe de coração o exemplar da *Arte moderna* e breve lhe corresponderei à lembrança com a minha “Escrava que não é Isaura”, já em impressão. [...] Nesse livro meu, procurei resumir claramente os ideais gerais modernizantes que me pareceram mais úteis ou dignos de chamar a atenção dos que querem aprender. Creio que por ele se poderá adquirir (falo e escrevo brasileiro atualmente) aquele discernimento necessário pelo qual se separarão com mais justeza do que ainda se faz no Brasil, o que representa os ideais modernistas e o que os não representa. [...] A minha “Escrava”, derivada duma explicação oral que fiz da poética modernista universal, reflete necessariamente e demasiadamente ideais europeus. Ora isso me desgosta no livro porque é lógico que a realidade contemporânea do Brasil, se pode ter pontos de contacto com a realidade contemporânea da esfalfada civilização do Velho Mundo, não pode ter o mesmo ideal porque as nossas necessidades são inteiramente outras. Nós temos que criar uma arte brasileira. Esse é o único meio de sermos artisticamente civilizados.”. (INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, [1968-69], p. 339-340).

5.8. A impressão do livro de mil exemplares foi paga com as economias do autor, na gráfica da Livraria Lealdade, em São Paulo. Na p. 81, MA relata a redação em maio de 1922: “O homem instruído moderno, e afirmo que o poeta de hoje é instruído, lida com letras e raciocínio desde um país da infância em que antigamente a criança ainda não ficara pasmada sequer ante a glória da natureza. Um menino de 15 anos neste maio de 1922 já é um cansado intelectual.”.

5.9. Os dois títulos na sobrecapa rosa, “PAULICÉA” e “Escrava” podem significar um possível engano do escritor, pois, encapados, ambos os livros de tamanho *in octavo*, teriam se tornado materialmente semelhantes, ou ainda uma sobreposição propositalmente feita para aproximar os dois títulos.

5.10. Na ficha de identificação da obra na biblioteca do escritor, colada no anverso da página de rosto, as indicações “F/ I/ e/55” correspondem a: sala F [estúdio no andar superior da casa da rua Lopes Chaves], estante I, prateleira e, nº do livro ali colocado: 55.

5.11. As Notas MA na página de rosto referem-se a:

- s.a. *A escrava que não é Isaura*. Bibliographia. *Revista do Brasil*, a. 10, nº 110, v. 28. São Paulo, fev. 1925, p. 154.

- E. M. [MOURA, Emílio]. Mario de Andrade – A escrava que não é Isaura – São Paulo-1925. A *Revista*, a. 1, nº 1. Belo Horizonte, jul. 1925, p. 49-50.
- MORAES, NETO, Prudente de. A escrava que não é Isaura. *Estética*, a. 2, v. 1, nº 3. Rio de Janeiro, abr.-jun. 1925, p. 306-318.
- ANDRADE, Carlos Drummond de, Mário de Andrade e seu último livro – I e II *Gazeta Commercial*, Juiz de Fora, 10-11 mar. 1925.

5.12. Os artigos de CDA, citados na página de rosto, foram recebidos por MA no interior da carta datada de março de 1925, na qual o poeta mineiro comenta a própria crítica. (ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945*; organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002, p. 107). Os dois artigos integram a série Matérias extraídas de periódicos do Arquivo Mário de Andrade (IEB-USP) e trazem notas do autor, a tinta azul: “10-3-25/ Deixo de/ corrigir/ os erros/ de menor/ impor-/tancia.” e “11-3-25/ Está/ quase/illegi-/vel. Se/ quizer,/ pro-/videnciarei/ p^a arran-/ jar/ outro/ exem-/plar.”.

5.13. MA ao escrever no canto superior direito da página de rosto “Emprestado”, confirma a hipótese de que as anotações a lápis de cor vermelha esmaecida vieram de um terceiro que, por meio delas, dialogou com o texto e talvez com o autor quando lhe devolveu o exemplar, em 1925. A Nota MA “Emprestado” separa, portanto, as rasuras que advém da criação e as anotações provenientes da leitura de outrem.

5.14. Na correspondência de MA com Prudente de Moraes, neto, entre julho/agosto e setembro de 1925, identifica-se o diálogo do qual, possivelmente, decorra o expoente “(1)” acrescentado à p. 22 do exemplar de trabalho. (KOIFMAN, Georgina, org. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto. 1924/1936*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 93-107.)

5.15. A nota de rodapé acrescentada à p. 18 do exemplar de trabalho referenda a intertextualidade no diálogo de MA com McDOUGALL, William. *An Introduction to Social Psychology*. 19^a ed.. London: Menthuen & CO LTD, 1924. No exemplar do livro em sua biblioteca, estão, a grafite, as anotações de escritor/leitor que constituem, como se vê, notas de trabalho para a refusão da poética modernista *A escrava que não é Isaura*, possivelmente em 1926. A citação transposta está à p. 16 do livro e ali recebeu traço à margem esquerda. Entre as folhas do exemplar, o programa de cinema do Rio de Janeiro, oferece, na data 10 de setembro de 1926, o momento provável da leitura de MA.

5.16. O escritor engana-se ao indicar como VII, o capítulo VIII do Livro III da *Arte Retórica e Arte Poética* de Aristóteles, conforme se verifica na edição de 1971, (Rio de Janeiro, Edições de Ouro, p. 225). O livro, na tiragem consultada por MA, não fazia parte do tombamento de sua biblioteca, quando esta foi incorporada ao IEB-USP. O acréscimo no exemplar de trabalho (p. 50, f. 27) absorve as idéias de Aristóteles a respeito de ritmo.

5.17. O expoente “(2)” acompanhado da nota de rodapé à p. 51 do exemplar de trabalho é, provavelmente, resultado de uma discussão entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira sobre as noções de verso, travada em março de 1925. Dessa discussão, restam, na correspondência passiva de MA, as respostas em que o poeta de *A cinza das horas*, discute e reescreve definições recebidas, as mesmas presentes no exemplar de trabalho. (MORAES, Marcos Antonio de. Ed. cit., p. 191-196).

5.18. O artigo de Pierre Gueguen (1889-1965), “Actualités Poétiques”, no jornal parisiense *Nouvelles Littéraires* [1925?], apresenta idéias sobre a poética moderna, de forma bastante semelhante à teoria exposta por MA. Indicação completada pela pesquisa, com base na apresentação gráfica, comparando o documento com outros textos com a indicação do mesmo jornal manuscrita, presentes na série Matérias extraídas de periódicos, no arquivo do escritor.

5.19. A nota a lápis vermelho, focalizando o “conto dos Índios/ de Belazarte”, apensa ao exemplar de trabalho, escrita no momento de reunir os textos para *Obra imatura*, situa a poética neste projeto e põe em cena *Belazarte*, livro de contos publicado em 1934 pela Editora Piratininga S/A, de São Paulo. Refere-se ao “Caso em que entra bugre”. O conto figurou, primeiramente, na edição citada de *Belazarte*, e mais tarde, preparado para integrar *Primeiro andar* na *Obra imatura*.

5.20. Em 1943, MA está organizando, para a Livraria Martins Editora de São Paulo, suas Obras Completas, cujo volume I, publicado postumamente em 1960, é *Obra imatura*. O título reúne *Há uma gota de sangue em cada poema*, *Primeiro andar: contos* e *A escrava que não é Isaura*. Esta poética modernista, contudo, sai sem incorporar integralmente a reescritura no exemplar de trabalho (V. classificação do manuscrito de *Obra imatura*).

5.21. Em 2008, a nova publicação de obras de Mário de Andrade, protocolo de cooperação que une o IEB-USP e a Editora Agir do Rio de Janeiro, detentora dos direitos autorais do escritor, publica *A escrava que não é Isaura*, em *Obra imatura*, com texto estabelecido por Aline Nogueira Marques.

Trajetória da criação:
[1922?]

MA, lê, em fevereiro, no saguão do Teatro Municipal de São Paulo, trechos de uma poética modernista.

1922

MA escreve ao amigo Manuel Bandeira, em outubro e menciona a intenção de publicar, ainda naquele ano, seu estudo sobre a poesia modernista.

1924

MA publica, em junho na *Revista do Brasil*, “Da fadiga intelectual”, primeira redação das idéias amplamente exploradas n’*A escrava que não é Isaura*.

Em carta de 28 de novembro a Joaquim Inojosa, MA relata a entrega dos manuscritos à gráfica.

[1924]

Conclusão dos originais e entrega de *A escrava que não é Isaura* à gráfica Livraria Lealdade, em São Paulo, à rua da Boa Vista, 62, centro.

1925

Término da impressão da 1ª edição nas oficinas da tipografia paulista, em 24 de janeiro.

[1925?]

Após julho, MA cria um exemplar de trabalho em cuja página de rosto indica cinco críticas publicadas sobre *A escrava que não é Isaura*.

Refusão do texto, a grafite, no exemplar de trabalho: acréscimos e correções a erros tipográficos.

MA anexa ao exemplar de trabalho o artigo “Actualités Poétiques” de Pierre Gueguen.

[1925?/1926?]

Início da refusão do texto no exemplar de trabalho por meio de rasuras a tinta preta: acréscimo da nota de rodapé, à p. 51: redefinição do conceito de verso.

[1926?]

Leitura anotada, talvez em setembro, de McDOUGALL, William. *An Introduction to Social Psychology*, 19ª ed. London: Menthuen & CO LTD, 1924; p. 16: Nota MA a grafite: traço à margem esquerda selecionando o trecho citado à p. 18 (f. 11), do exemplar de trabalho.

Continuação da refusão do texto no exemplar de trabalho por meio de rasuras a tinta preta: correção a erro tipográfico e acréscimos; entre eles, a citação do trecho de McDougall.

[1943?]

Elaboração da nota “Obra Imatura/ Falta escolher/ contos mais/ recentes/ E o conto dos Índios/ de Belazarte”.

Referências Bibliográficas

- [1] ANDRADE, Mário de. “A escrava que não é Isaura”. In: *Obra Imatura*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.
- [2] GRÉBILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2007.
- [3] INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, [1968-69].
- [4] MORAES, Marcos Antonio de, org. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª. ed. São Paulo: IEB/Edusp, 2001.
- [5] SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ, 2000.
ZULAR, Roberto, (org.) *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/Capes/FAPESP, 2002.

¹ Aline MARQUES, mestranda com bolsa CNPq. Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Área de Literatura Brasileira. E-mail: amarques@usp.br